

O CONFLITO MÃE E FILHA EM "A VIÚVA SIMÕES", DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Josélia Rocha (ISE-FAETEC / UFRJ)

Nas famílias das sociedades fundamentadas sob a ideologia do patriarcado, a maternidade sempre foi apregoada como resultado de um instinto. Entendemos instinto como todo impulso ou estímulo natural, involuntário que está presente em todos os seres e é realizado sem ter uma programação racional, tal como é a necessidade de alimentação ou de excreção. Então, conforme a visão introjetada nos indivíduos desde de seu nascimento, toda mulher tem na procriação uma realização biológica.

Essa doutrina tem como objetivo dividir os espaços de atuação social para homens e mulheres e, naturalizando tais repartições, impede mudanças. Assim, o homem é ativo, criado para pensar e organizar a sociedade; é um ser público. A mulher é a parte passiva que deve estar ligada às atividades domésticas e subordinada ao homem. Somente ligando a mulher à sua capacidade de gerar é possível colocá-la naturalmente atrelada ao espaço privado.

No entanto, sua função materna não se dá de maneira aleatória. A mulher deve estar inserida no âmbito do casamento, já que apenas após a união civil pode haver a de corpos. Na tradição patriarcal, a ligação jurídica entre o ato sexual e o casamento se estabelece “a partir e em função da necessidade de ter uma descendência. Esse fim procriador... tornava necessárias as relações sexuais no casamento; sua ausência, aliás, podia dissolver a união conjugal” (FOUCAULT, 1985, p. 166-167). A mulher só se sente existencialmente importante quando casar e tiver filhos. A falta destes a deixa em situação de invisibilidade social e inferioridade diante das outras mulheres. Isso também produz como consequência problemas psíquicos, pois a impossibilidade de responder positivamente às imposições patriarcais assimiladas como ideais para as de sua espécie é considerada como um fracasso.

Quem vive conforme essas tradições faz parte do tipo humano que, segundo C. G. Jung, se enxerga mais como “objeto de seus semelhantes do que como sujeito” (1984, p. 122). Isso por reconhecer-se como um ser social que precisa abrir mão de sua individualidade a fim de incorporar a psique coletiva que a impele a esmagar e desvalorizar sua personalidade e fazer-se frágil, fácil de ser moldada. Assim acontece à mulher que, reificada pelo patriarcado, é forçada a se submeter incondicionalmente às convenções. Necessárias à coletividade, elas são “um expediente e não um ideal, tanto do ponto de vista moral como religioso, pois a submissão sempre significa renúncia da totalidade e fuga diante de suas próprias e últimas consequências” (JUNG, 1981, p. 180). Por isso, empreender o desenvolvimento da personalidade é um risco nada vantajoso porque condena a pessoa ao isolamento. O casamento e a maternidade, portanto, podem até não fazer parte dos projetos individuais dela, mas é preferível incluí-los em seus planos para não ser marginalizada. Isso porque apenas no inconsciente é que se intensifica no ser “a importância do eu, levando-o eventualmente a uma patológica vontade de poder” (JUNG, 1984, p.125) e, em decorrência, a rebelar-se contra as normas. Tal revolta pode modificar sua vida dando-lhe prazer individual, mas vai deixá-lo à margem da sociedade.

Assim, impedida de viver a condição de ser humano e subjugada pelo seu complexo “destino”, a mulher passa a ser esposa e mãe.

...É impossível assimilar muito simplesmente a gestação a um *trabalho* ou a um *serviço*, como o serviço militar. Viola-se mais profundamente a vida

de uma mulher, dela exigindo-se filhos, do que regulamentando as ocupações dos cidadãos: nenhum Estado ousou jamais instituir o coito obrigatório. No ato sexual, na maternidade a mulher não empenha somente tempo e forças mas ainda valores essenciais... Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio. (BEAUVOIR, 1980, p. 78-79, v.1)

Então, atendendo às exigências, mesmo que violentada em sua individualidade, a mulher-mãe exerce a função procurando anular-se em prol dos filhos. Devido a essa abdicação de suas vontades, ela se torna merecedora de consideração e começa, sim, a sentir seu ofício como vantajoso, assimilando-o como parte de uma aptidão natural. Ao passar a ser digna de visibilidade e respeito, pensa em manter a produtividade como a melhor chance para manter-se acolhida pela sociedade.

No entanto, nem sempre a mulher consegue manter-se nessa meta e deixa transparecer a falta de aptidão para cuidar exclusivamente da criança, como se fosse esse seu desejo uno. Isso ocorre em situações em que a descendência torna-se um empecilho. É quando a realização pessoal se sobrepõe ao exercício da maternidade. A personalidade reprimida em favor da coletividade vem à tona e eliminar aquilo que é obstáculo ao prazer individual passa a ser a vontade precípua. Em momentos em que se deixa levar pela liberdade existencial, reprimida no inconsciente, a relação mãe-filhos é conflituosa, principalmente quando é o caso de ser uma filha.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação desses engendramentos psíquicos e sociais na obra literária *A Viúva Simões* (1999), de Júlia Lopes de Almeida (texto que teve a primeira edição em 1887 e foi atualizado ortograficamente em 1999 pela professora Peggy Sharpe). Pretendo observar como a responsabilidade de ser um exemplo na função de mãe é um peso para Ernestina Simões. No entanto, o mais evidente aí é o total desmascaramento do instinto materno com a vontade que a sra. Simões tem de se livrar da filha quando percebe nela uma concorrente aos seus objetivos de conquistar o amor de sua meninice.

A narrativa começa com comendador Simões já morto, um “bom homem, embora genioso e um pouco violento” (p. 44). Desde sua viuvez, a senhora Simões “encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase neurótica” (p. 36). Não queria perder a fama de dona-de-casa exemplar. Então:

...Levantava-se cedo; percorria o jardim, a horta, o pomar, o galinheiro; censurava o hortelão pelo menor descuido; via bem até as mais insignificantes ninharias: a grama precisava ser aparada... As roseiras careciam de poda; porque não se enxertavam estes ou aqueles pés de fruta? O homem respondia que já tinha deliberado aquilo mesmo, e ela passava adiante, sempre com perguntas ou ordens.

No interior era um chuveiro de recriminações. A cozinha tomava-lhe horas. Passava os dedos nas panelas e nos ferros do fogão, a ver se estavam limpos; cheirava as caçarolas; obrigava a Benedita a arear de novo tachos e grelhas, a lavar a tábua dos bifos e o mármore das pias e da

mesa. Se havia alguma torneira pouco reluzente ou alguma nódoa no chão, detinha-se, exigindo que se corrigisse a falta logo ali, à sua vista. E era assim por todos os compartimentos, minuciosa, ativa, severa. (p. 36)

A vida ocupada com os afazeres domésticos livra a viúva do perigo de se desviar do bom caminho. Descrita pelo narrador como uma morena bonita, de meia idade, que não possui o ânimo da mocidade e nem as friezas da velhice, poderia reiniciar uma união afetiva. No entanto, por causa da filha, Sara, decide renunciar aos divertimentos mundanos e à possibilidade de apaixonar-se, já que precisava manter-se conforme a educação burguesa. Ora, organização familiar econômico-burguesa é estabelecida sobre três fundamentos: o prestígio do marido, a subalternidade das mulheres, a subordinação dos filhos. Mas, quando se dá à mãe e à maternidade um lugar de destaque, proporciona-se meios de dominar aquilo que, na concepção da sociedade, corre o risco de terminar em um perigoso extravasamento do feminino, ou seja, na coerção “de uma sexualidade julgada tanto mais selvagem ou devastadora na medida em que não estaria mais colocada à função materna. A mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir à tirania de um gozo feminino capaz” (ROUDINESCO, 2003, p. 38). Então, Sara é o freio de Ernestina: “se não tivesse tido a filha, talvez que a própria comodidade em que vivia imersa a tivesse feito procurar os gozos efêmeros da sociedade, mas a sua pequenina Sara prendia-a aos deveres da casa, preocupando-a muito...” (p. 51). Por isso, procura exagerar nas atribuições com a casa e cuida para “não trair as suas horas de desfalecimento, em que lhe passavam pela mente desejos e idílios irrealizáveis...” (p. 37). Nem sempre consegue, pois, às vezes, vê-se abatida e silenciosamente revoltada contra a vida pacata e sem emoções; contra essa imposição de sufocar a mocidade, a formosura e manter-se distante das satisfações existenciais que o mundo teria a lhe conceder.

O fato é que o aparente controle emocional da sra. Simões se desfaz com a notícia da chegada de Luciano Dias, o primeiro amor de sua meninice. Esse senhor deixou-a para ir morar na França e ela, decidiu-se casar por vingança com um homem rico. Sonhava ir a Paris para esnobá-lo com o marido, fingindo felicidade. Não realizou essa vontade e, após dezenove anos de separação do antigo namorado, “desejava vê-lo. Uma revoada de saudades trouxe-lhe à alma todo o perfume daquele amor passado. Parecia-lhe que estiver todo aquele tempo à sua espera, como uma noiva extremosa e fiel...” (p. 43). A possibilidade de reencontrar sua antiga paixão reativa-lhe a imaginação, mas ela tenta o tempo inteiro manter a consciência sóbria de sua responsabilidade com Sara e do nome a zelar.

O inevitável encontro com o ex-namorado estremece a base que a viúva consolidou a fim de continuar digna de consideração social. Luciano não tem as mesmas intenções apaixonantes de Ernestina, mas, sim, a de ficar com o dinheiro herdado do Comendador. Em conversa com um amigo, o Sr. Rosas, ele pergunta a respeito do comportamento da viúva, da fortuna deixada e, quando sabe o valor, comenta que Sara é o principal empecilho ao seu intento de casar:

- Não é má soma... Pois se não fosse o demo da filha, quem sabe? Talvez que realmente eu caísse na asneira de casar...
- Você não quis quando ela era moça, e então agora...
- Quando era moça era pobre... (p. 65)

Dias começa a fazer exigências à viúva e demonstra seu desconforto com a presença de sua filha. Para aproximar os dois, a senhora coloca-os para dançarem juntos nos bailes. Como já está totalmente seduzida, a opinião dele influencia a transformação de sua aparência de mulher fiel aos preceitos sociais. Deixa o luto e começa uma vida diferente com roupas novas e luxuosas. Além disso, deixa de ser mulher reclusa e passa dias inteiros na rua, buscando oportunidades de encontrar Luciano. A intensidade amorosa de Ernestina chega a ponto de consentir receber em sua casa as visitas do senhor Rosas, amigo íntimo de Luciano, mas também maior inimigo do comendador Simões. Isso dá dimensão de como a viúva está tomada pela vontade de satisfazer os desejos por tanto tempo reprimidos. Sara, que sempre foi o motivo dos cuidados extremos e protetores da mãe, já está a essa altura posta em segundo plano e percebe o descuido e transformação da mãe.

...Um dia Ernestina conversava com ele muito satisfeita na sua sala, esperando ouvi-lo falar de Luciano, quando Sara, ainda desprevenida, abriu a porta e entrou.

A moça estacou no umbral, fixando atenta e admirada os olhos na visita. O seu rosto, habitualmente rosado, tornou-se lívido, os lábios tremeram-lhe, não encontrando palavras para a indignação que lhe fervia no peito.

(...)

O Rosas, o grande inimigo de seu pai, ali, dentro daquela casa, em doce *tête-à-tête* com sua mãe! O comendador Simões não o pudera ver nunca sem desgosto e sem raiva, e o vil aproveitava-se agora que ele já não vivia, para ir recostar-se nos seus estofos e pisar as suas alcatifas!

(...)

Sara continuava chorando, enraivecida contra a mãe. Por que consentiria ela em receber o Rosas?! Por que mudava de dia para dia o seu caráter? Por que se ocupava agora tanto consigo, passando horas no seu quarto, sozinha, fugindo da companhia dos outros e aparecendo depois toda cheirosa, fresca como a flor apenas desabrochada? Que mistério seria esse que ia afastando dela, evidentemente, todo o carinhoso e doce amor de Ernestina? Que falta teria ela cometido? Por que se adivinhava tão só? (p. 107, 108 e 112)

A menina também fica atônita quando percebe que a mãe tirou o retrato de seu falecido pai da parede da sala. Era mais uma concessão, já que Ernestina fazia tudo para agradar Luciano. Ela que nunca havia permitido que a filha se distanciasse de seus olhos leva-a para passar dias na casa de uma tia em Friburgo. Quando retorna, Sara encontra a casa renovada, pois a mãe “aproveita a sua ausência para varrer pela porta fora todas as recordações do passado” (p. 137). Aos poucos, vai desaparecendo da viúva toda a preocupação com manutenção do conceito de boa mãe e dona-de-casa.

Sara também volta diferente. Está mais alegre e chama a atenção de Dias que, ao invés da antipatia anterior, começa a sentir certo encanto pela adolescente. Ao convidar mãe e filha para uma visita em sua casa, ele trata tão bem a menina que deixa a senhora Simões muito feliz e esperançosa de firmar um enlace conjugal com seu amor. Mas Luciano já não tem essa mesma intenção e faz é uma comparação entre as duas, preferindo a juventude da menina.

Era como se de repente o vácuo da sua casa solitária se tivesse tornado em um corpo de mulher moça e contente, e lhe reclamasse tudo o que lhe faltava... e parecia-lhe então que Sara fora momentaneamente a alma daquele ninho que ele enfeitava, amava, e que encontrava sempre mudo, frio, morto, incapaz de corresponder ao seu carinho!

E Ernestina? Parecera-lhe nesse dia um pouco avelhantada, medrosa de expansão. E teve pena daquela alma de criança, fechada em um corpo já em decadência... (p. 143)

Luciano não consegue esconder essa mudança de opinião quanto à menina e procura estar cada vez mais próximo dela. Com a intimidade que vai nascendo entre os dois, a viúva vai percebendo-se em perigo. Agora a filha é vista como um empecilho às suas pretensões matrimoniais por ser sua concorrente. Então, no baile seguinte, Ernestina não incentiva mais que os dois dançam juntos. Ela que não queria pensar em ver a menina casando tão nova, sente alívio ao perceber que Eugênio Ribas pretende conquistar Sara. Tem nisso sua principal meta para descartar a filha e rival. Começa uma guerra: “—Sara! Vamos ver qual de nós vence!” (p. 155). Todo cuidado materno se desfaz e a viúva esquece que precisa proteger a menina. São agora duas mulheres em luta por um objetivo comum: Luciano Dias. Este está completamente confuso, pois a mãe era “a mulher de fogo que lhe queimava a carne, a filha era a mulher de luz benéfica que lhe iluminava o futuro, e ele amava a ambas, a uma com os sentidos, a outra com o coração” (p. 161)

Mas a sra. Simões está decidida a qualquer coisa para vencer o duelo com a filha:

A rivalidade com a filha exacerbava isso. A mocidade de Sara era a sua tortura. Invejava aqueles dezoito anos, aquela alma primaveril, aquele rosto fresco e tranqüilo. Estremecida, com medo da velhice, da sua fatal e terrível decadência que sentia já perto, muito perto!

Suprimir Sara, pelo casamento, era o seu sonho de ouro! Na sua imaginação doente surgiam idéias extravagantes. Pensou em ir ela mesma, procurar o Eugênio Ribas, ou fazer-lhe constar, pelo Nunes, que daria um grande dote à filha...

(...)

Enraivecia-se contra Luciano! Imaginava os mais estranhos e esquisitos meios de prendê-lo a si. Já não importava tanto que ele amasse a outra, contanto que se casasse com ela!... (p. 164)

Mas nesse duelo não há vencedores. Ao ouvir a filha confessar o amor que sente por Luciano, Ernestina fica desesperada e suplica que abandone a idéia de ficar com ele. A viúva conta minuciosamente a paixão de anos, além de revelar-lhe todas as queixas e antipatias que Dias nutriu pela menina. Consegue, assim, transformar o sentimento da jovem em ódio por toda a gente, pensando que “Ernestina já não a amasse. Cuidou mesmo que ela desejasse a sua morte...” (p. 171). Tanta pressão psicológica faz Sara ficar mentalmente inválida. Ernestina acaba, sem Luciano, a cuidar da filha idiota. É o castigo por ter tentado transgredir o destino. O elo mãe-filha é forçosamente refeito.

É crível que o propósito literário da autora era representar o que acontece à mulher de “família” que comete transgressões. Ela não deve ser fraca, mas, sim, lutar pela preservação do lar – mesmo já com a ausência física do marido, a presença moral dele deve ser respeitada – com todas as forças ou até acima delas. Caso se rebele contra o destino,

pode ser existencialmente punida. Mas, mesmo sem intenção, a obra de Júlia Lopes de Almeida representa exatamente a recusa à idéia de existência de um instinto materno, pois desmitifica o extremismo amoroso da mulher em prol da descendência. Além disso, mostra como a mulher vive dominada psicologicamente pela construção social que a vincula à maternidade. Somente assim conseguiu-se mantê-la enclausurada por tanto tempo sem manifestação intelectualmente produtiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A Viúva Simões**. Atualização do texto, introdução e notas pro Peggy Sharpe. Florianópolis: Mulheres, 1999.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2ª ed.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dra. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: 1984. 4ª ed.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.